

para el mantenimiento tanto de las relaciones esclavistas como de las coloniales. En las plantaciones, por ejemplo, el pobre número de mujeres constituyó un permanente ingrediente provocador de conflictos humanos, de alienación y de violencia, favorecedor de la práctica general, e incluso constatable hasta hoy, de la bestialidad, la masturbación, la homosexualidad, la inestabilidad de la pareja (familia), la poliandria, el machismo, el hembrismo, al asalto sexual y el crimen.

- [8] *El Diario de la Marina* publicó el 9 de marzo de 1880 el hallazgo del cadáver de un chino con huellas en los pies por el uso de grilletes. El propio Cónsul General del "Celeste Imperio" expresó en reiteradas oportunidades sus preocupaciones sobre la situación de la colonia asiática en la isla y, especialmente, en La Habana y promovió un proyecto para crear un centro para asilo y asistencia, años más tarde, se fundaron el barrio (1889) y el casino chinos (1893).
- [9] Otros dos ejemplos de cómo la raza de color continuó la lucha por sus derechos civiles en el período transicional de 1880-1894 fueron: primero, la procesión del 3 de enero de 1887, con motivo de la abolición del patronato en La Habana, esta se había postpuesto dos días por no disponerse, según el Gobernador General Emilio Calleja, de suficientes policías para cuidar el "orden público"; segundo, la constitución del nuevo Directorio Central de las Sociedades de la Raza de Color dirigido por J. Gualberto Gómez, en julio de 1892.
- [10] "La esclavitud terminó creando distorsionados patrones de comportamiento sexual que los racistas justificaron inventando el mito de la sexualidad sádica del negro, la inmoralidad de la negra y la lujuria de la mulata." Manuel Moreno Fraginals, *El Ingenio* (t. 2), edit. Ciencias Sociales, 1978, p. 41

BIBLIOGRAFÍA BÁSICA

- Censo de Cuba, Dpto. de Guerra, Washington, 1900.
- Cruz, Manuel de la, *La revolución cubana y la raza de color (por un cubano sin odios)*, impr. La Propaganda, Key West, 1895.
- Guerra y Sánchez, Ramiro, *Historia de la nación cubana*, Historia de la Nación Cubana, La Habana, 1952, 2 tomos.
- Moreno Fraginals, Manuel, *El ingenio*, edit. Ciencias Sociales, La Habana, 1978, 3 tomos.
- Ortiz, Fernando, *El engaño de las razas*, edit. Páginas, La Habana, 1945.
- _____, *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, edit. Ciencias Sociales, La Habana, 1983.
- Sosa, Enrique, *La economía en la novela cubana del siglo XIX*, edit. Letras Cubanas, La Habana, 1984.
- Torres Cuevas, Eduardo, "Patria, Pueblo y Revolución: conceptos bases para la historia y la cultura en Cuba". En: *Nuestra común historia*. Población y nacionalidad, edit. Ciencias Sociales, La Habana, 1993.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOB OS ORIGEM DAS ELITES MATO-GROSSENSES

Adriana Patricia Ronco(*)

A região de Mato Grosso possui características próprias e acreditamos nisso por três razões básicas:

- 1 - É uma zona de fronteira que enfrenta contínuos conflitos; primeiro, na época colonial, como o Império Espanhol e, a partir do século XIX, com os novos Estados em formação: Bolívia, Paraguai, Argentina.
- 2 - Não fez parte, durante o século XIX, do eixo das atividades de exportação de Império, cuja base foi o Vale do Paraíba, fluminense, paulista e mineiro, mas fez parte do mercado interno brasileiro, fornecendo gêneros, especialmente o gado.
- 3 - O declínio da produção mineradora, durante o século XVIII, levou a uma decadência das atividades econômicas desenvolvidas na região, obrigando-a a um rearranjo das mesmas.

Se tentarmos procurar a origem das elites mato-grossenses, temos que mergulhar no século XVIII para, dessa maneira, compreender o papel das mesmas na primeira metade do século XIX.

Diversos interesses confluem no descobrimento, conquista e ocupação do Mato Grosso. Ao espírito de aventura próprio dos homens da época, devemos acrescentar o interesse das coroas espanholas e portuguesa sobre uma região que irá se constituindo numa "fronteira viva" que enfrenta essas duas coroas européias na luta pela ocupação territorial no novo mundo.

O domínio territorial implicava em acrescentar as bases sobre pontos centrais na luta empreendida desde o Tratado de Tordesilhas como o domínio político estratégico e econômico na América do Sul.

Dominar o Mato Grosso implicava um controle estratégico fundamental, na medida em que ele se constituía em um importante núcleo nas comunicações fluviais para todas as regiões do Brasil: a navegação para o norte assegurava a penetração pelo Amazonas; para o sul, o contato com as possíveis saídas para o Atlântico pelo Rio da Prata; para oeste, o contato com o Vice-reinado do Peru, grande produtor de prata; e para o leste, o contato com o Atlântico e as zonas de poder econômico e político, tanto do Brasil como da Península Ibérica.

O reconhecimento e o estabelecimento de alguns povoados, por parte dos espanhóis no Mato Grosso, se remonta ao século XVI, assim como o estabelecimento de algumas Reduções Jesuíticas na região.

No fim desse século, começaram as primeiras entradas dos sertanistas procedentes de São Paulo, no entanto, foi a partir do século XVII que os monções de Cuiabá passaram a recorrer à região. Procedentes de São Paulo, Parnaíba, Sorocaba e Itu, chegavam grupos de pessoas com interesses bem marcados: a ocupação de novas

terras para a coroa portuguesa, a penetração em busca de indígenas para serem utilizados como mão-de-obra, o ataque às populações espanholas e a busca de ouro.

Em 1722, o acaso esteve do lado dos aventureiros. Nesse ano, Miguel Sutil chega com sua bandeira ao sítio chamado Cuiabá, e alguns indígenas coletores de mel lhe trouxeram ouro, dando início à produção de ouro do Senhor Bom Jesus de Cuiabá; em um mês haviam fornecido mais de quatrocentas arrobas de metal.^[1]

Chegada a notícia a São Paulo, se organizaram expedições que significaram não só o traslado da população como, também, o início do comércio na região.

A lavoura local teve que organizar-se apressadamente, e se restringia a roças de milho, feijão, abóbora, banana, estabelecendo-se também as primeiras plantações de cana-de-açúcar e a produção de aguardente. O fluxo da população provocou uma falta de abastecimento e, por isso, os animais de criação se converteram no eixo da alimentação; junto às galinhas e aos porcos, o gado bovino começou a desenvolver-se na região, e se converteria, com o tempo, na principal fonte de intercâmbio comercial com as outras regiões.

O apogeu do ouro cuiabano foi curto. As minas, que pareciam opulentas, na realidade, não o eram tanto, já que o metal só se encontrava na superfície e os filões não eram muito profundos. Além disso, a maior parte do trabalho se desenvolvia na beira dos rios, o que, nos tempos de seca, também prejudicava a lavoura.

Na metade do século XVIII, a crise da mineração levou a uma reorganização da economia do Mato Grosso. A ocupação da terra foi um dos pontos nevrálgicos dessa reorganização, junto ao desenvolvimento da criação de gado bovino e equino. Foram se constituindo distintos povoados que tinham como centro uma fazenda de gado, uma plantação de açúcar ou roças de milho ou feijão. Também devemos citar as grandes pescarias de pequirá, ao longo do Rio Cuiabá, de onde se obtinha, além do peixe, a farinha e o óleo.

Lenharo^[2] sustenta que, se o comércio se manteve durante esse período, foi por duas razões fundamentais: o contrabando de prata desde as zonas castelhanas e o ouro que continuava a ser extraído em pequenas quantidades. Além disso, destacamos, também, o enriquecimento que alguns comerciantes, tanto locais como litorâneos, conseguiram nessa época, pelos altos preços que cobravam sobre os produtos que chegavam a Cuiabá e a outras vilas do Mato Grosso, provenientes de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.

A crise, tanto mineira como comercial, levou a que muitos comerciantes comesçassem, em princípios do século XIX, a solicitar sesmarias de terras para dedicarem-se à agricultura de subsistência, onde o excedente poderia ser vendido nas vilas próximas. Os maiores benefícios nas trocas eram proporcionados pela venda de gado às zonas litorâneas.

A respeito desse período, queremos destacar o tema das comunicações. As rotas fluviais exploradas e utilizadas pelos "monções de Cuiabá" se converteram nas vias de comunicação permanente entre São Paulo, Goiás, Cuiabá, Mato Grosso e Villa Bella, desde o descobrimento e durante todo o século XVIII e XIX.

O período de maré a maio, e de junho até a época de São João, era aproveitado pelas frotas dos monções para partir para Cuiabá.

Partiam pelo Tietê, desde o porto de Nossa Senhora de Mãe dos Hommes de

Araraguaba, e deviam vencer as cachoeiras de Canguera, Jurumisin, Avaremanduava, Pirapó-Grande. A partir desse ponto, podiam continuar por diferentes vias fluviais:

- a) do Rio Imuncimá pelo Rio Pardo até o Anhanduí, afluente do Paraná, e dali a Cuiabá;
- b) do Rio Paranapanema pelos Rios Paraná, Sucuriú, Piquiri, São Lorenéo Cuiabá até Cuiabá;
- c) de Sorocaba pelos Rios Wotucatu, Paranapanema, Paraná, Ivinheina até a cidade de Vila Rica;
- d) de Porto Feliz pelo Tietê, Paraná, Pardo, Camapuç, Taquari, Cuiabá até a cidade de Cuiabá.

Outro dos roteiros foi o de Madeira-Guaporé, que comunicava Cuiabá, Mato Grosso e Villa Bella com Pará de Belém. Este roteiro também foi utilizado para o comércio com zonas espanholas (de onde se obtinha prata) como Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba e as ex-missões jusuíticas de Moxos e Chiquitos.

Chegavam a essas regiões comerciantes portugueses e a Cia. de Comercio de Grão-Pará e Maranhão. Eles traziam mercadorias européias, escravos, alimentos, sal, vinho, vinagre, azeite, ferramentas de ferro e pólvora. O intercâmbio se realizava com produtos próprios da região, tais como ovos de tartaruga, salsa-parrilha, cacau, cravo, amêndoas e resina de látex; de Villa Bella se levavam até galinhas e porcos.^[3]

A travessia se fazia, no século XVIII, em canoas de casca, jangadas, canas atadas por meio de cipós, balsas de couro, pelotas (feitas de couro onde o passageiro ficava dentro de uma bolsa que era trasladada a nado de uma costa a outra, geralmente por escravos ou indígenas), ubás e piraguas de madeira inteira. A condução de uma canoa custava, em 1788, vinte mil réis.^[4]

Mais nos fim do século XVIII e princípios do XIX, se dá, juntamente com a crise da mineração em Mato Grosso, a crise da Cia. de Comercio de Grão-Pará e Maranhão, que termina com as atividades econômicas na região, todavia, continuam-se detectando alguns comerciantes procedentes de Pará.

Estas características definiram a estratégia de ocupação da região de acordo com os interesses da Coroa, o que, pela sua vez, deu caráter militar à Administração da Capitania.

Passado o apogeu do ouro, de duração efêmera, a economia da região entra em uma pronunciada crise, que obrigará a um rearranjo das atividades produtivas e a uma troca de atitude nas disposições da Coroa. Nos primeiros tempos, a Coroa limita a criação de gado e a exploração da cana-de-açúcar. Produzida a crise mineradora, no final do século XVIII, foram as mesmas autoridades as que incentivaram a posse de grandes extensões de terra e a exploração das atividades pecuárias e agrícolas junto ao comércio.

De fato, esta atitude tinha um objetivo muito claro: o de fixar população, como medida de segurança.

O desenvolvimento econômico do Mato Grosso durante a primeira metade do século XIX tem como base a agricultura de subsistência e a pecuária - a criação e a venda de gado em pé - que é o que proporcionava ligações com o mercado interno e com os países vizinhos.

Durante esse período, houve uma acomodação das atividades produtivas e

sociais, já que os antigos mineiros se converteram em comerciantes ou em fazendeiros e, às vezes, nas duas coisas. Também se dá a instalação de outros grupos sociais, que São favorecidos com a entrega de terras e que procedem de áreas circunvizinhas como São Paulo, Minas Gerais e Goiás

Cuiabá passou a ser um centro onde se radicaram os principais comerciantes que dispunham de capital circulante, montando uma estrutura que lhes permitiu não só o controle da economia mato-grossense, como também sua influência chegou ao aspecto político-administrativo, já que tanto comerciantes como fazendeiros São participantes das negociações comerciais, influenciando politicamente os Presidentes de Província.

Lenharo^[5] ressalta duas coisas: por um lado, que o rearranjo das atividades produtivas levou à constituição de uma "oligarquia urbano-rural" composta por um número reduzido de famílias, e que esse modelo levou a uma marcada estratificação social entre comerciantes proprietários de terras, setores burocráticos, militares, eclesiásticos, escravos e indígenas. E será essa oligarquia urbano-rural que se irá convertendo na classe dominante, em um longo processo que, segundo o autor citado, logrará consolidar-se no final do século XIX.

O conflito interno leva as elites políticas mato-grossenses a uma seqüência de violentas crises em torno da hegemonia, aumentando, assim, as penúrias na Administração e a descontinuidade administrativa, caracterizada pelas freqüentes mudanças dos Presidentes de Província, nomeados pela Coroa, tudo influenciado pela crise econômica.

Podemos dizer que as crises do Mato Grosso expressam uma luta oligárquica e etapas do processo de consolidação das classes dominantes^[6] e sua transformação em classe política^[7].

Um dos momentos mais importantes é o compreendido entre 1817-1834, onde se dá um acomodamento das elites dominantes, fato que se une ao acomodamento das atividades econômicas.

Como já dissemos, desde a constituição da Capitania, seus governantes foram escolhidos pela Coroa, a qual sempre tratou de enviar pessoas esclarecidas e capacitadas para enfrentar a difícil situação do Mato Grosso.

Em 1817, o nomeado para tal cargo foi o Tenente General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, administrador e militar conhecido na Corte. Ele enfrentará a ameaça de uma conturbada situação em Mato Grosso.

Graves acusações de corrupção em Vila Bela - a capital - o detêm em Cuiabá, a cidade mais importante, por temor pela sua própria vida. Desde ali começou a dar estritas ordens: ordena o policiamento de Diamantino^[8], faculta aos fazendeiros a punição aos ladrões de gado, proíbe a mudança de pessoas sem autorização, eleva Cuiabá à categoria de cidade e autoriza o traslado é mesma da Junta da Fazenda e da Casa de Fundição, comprometendo ainda mais a sua situação com a população de Vila Bela

A situação da Corte, em 1821, não era de paz, e a posição de D. João VI mudou com a chegada ao Brasil de notícias de Lisboa sobre a decisão das Cortes Portuguesas de ditar uma Constituição e a imperiosa necessidade da volta do Rei à capital do Império Português.

D. Pedro ficou encarregado do governo do Brasil, no entanto, D. João VI partira para Lisboa deixando instruções de escolher deputados brasileiros para integrar as referidas Cortes.

A situação de D. Pedro não ficou fácil, e a primeira coisa que teve que enfrentar, no interior, foi o levante de São Paulo contra o Capitão General e sua substituição por um governo provisório.

A influência desta situação não se fez esperar no Mato Grosso. Proclamada por Magessi, a Constituição política da monarquia portuguesa fez com que, entre a elite cuiabana, surgisse a idéia de seguir São Paulo, acabando com a autoridade do Capitão General de Mato Grosso, substituindo-o por uma Junta Governativa composta por militares, clero, fazendeiros e comerciantes.

Em Vila Bela, se tomou a mesma atitude, formando-se, também, uma Junta Governativa. No entanto, a situação só resultou em um governo duplo em Mato Grosso.

As duas Juntas tomavam decisões, tratando de prejudicarem-se mutuamente, de tal forma que a partir de Vila Bela se decreta a extinção da escravidão, e essa decisão prejudica a supremacia dos fazendeiros e comerciantes cuiabanos, que se valiam desse tipo de mão-de-obra; ademais, isso ia contra as leis do Império.

Declarada a Independência, que foi festejada em Cuiabá, coube a D. Pedro I reacomodar a situação do governo duplo da Província, devendo atuar com resguardo e tino.

A influência da Independência chegava desde a fronteira com as ex-colônias espanholas, e na Corte se pensava na possibilidade de que algumas cidades do Mato Grosso pudessem seguir o exemplo, especialmente Vila Bela, que esteve muito mais ligada às Cortes de Lisboa que à proclamação de D. Pedro como Imperador do Brasil.

Pelo que, foi disposta desde o Rio de Janeiro a eleição de um Governo Provisório único, o qual se constituiria em Vila Bela, sendo o mesmo composto por seis membros: dois de Cuiabá, dois de Vila Bela e dois de outras cidades do Mato Grosso.

Esse governo foi presidido por Manoel Alves, fazendeiro, o que se constitui num dado importante, já que, a partir daí, a classe dominante alcança o poder de forma direta pela primeira vez e começa a constituir-se em classe política.

Todavia, esse Governo Provisório é inexperiente em assuntos políticos e de diplomacia, e se compromete numa situação internacional grave, ao aceitar a incorporação de Moxos e Chiquitos (territórios bolivianos) a Mato Grosso. Esta situação foi rapidamente revogada pelo Governo Imperial, temeroso de um conflito com Sucre e Bolívar, chefes dos exércitos libertadores da América do Sul.

Diante desse fato, o Imperador decidiu enviar um novo Governador para pór em ordem a região. Foi designado para esse cargo J. Saturnino, o qual reorganizou a Província e nomeou a J. J. Nunes, fazendeiro, como Presidente do Conselho da Presidência, que se fez cargo do Governo até a chegada do novo Presidente, o qual vinha da Capital do Império. Ao mesmo tempo, Cuiabá era eleita a nova capital do Mato Grosso.

O domínio dos fazendeiros, sempre em maioria nas Câmaras, levou à oposição dos comerciantes e da burocracia, ambos de origem portuguesa. Ao que se há de acrescentar, também, a luta entre Vila Bela e Cuiabá.

Isso levou a um enfrentamento armado, conhecido como a "Rusga", que começa em 1833, onde São ameaçados e mortos muitos "bicudos", nome que receberam os estrangeiros, portugueses, restauradores ou brasileiros adotivos.

Formou-se, então, a Sociedade dos Zelosos da Independência, que acusava os "bicudos" de estarem contra a Independência do Brasil, e que se compunha de fazendeiros, comerciantes e pequenos comerciantes. A situação volta à normalidade com a chegada do novo Governador nomeado pelo Governo Imperial.

A facção "bicuda" foi derrotada e os adversários os substituíram nos cargos públicos da burocracia do governo.

Podemos concluir dizendo que o ódio sobre os "bicudos" tem mais raízes na fase econômica, que no pretexto de "adotivos" ou "estrangeiros", já que essa oligarquia rural tradicional também era de origem portuguesa.

A fase econômica se destaca também pelos grandes benefícios que os adotivos obtinham como comerciantes, os quais ocupavam um lugar que desejavam os fazendeiros, como uma forma de reorganizar sua posição econômica. A "Rusga" foi uma operação militar urbana, com a participação de militares, fazendeiros, parte da burocracia e profissionais liberais.

Na realidade, era um conflito pela primazia no poder de uma das duas classes já dominantes: a elite tradicional, que detinha o poder através das Câmaras e outros postos no governo, e uma elite emergente composta por comerciantes, profissionais liberais e alguns pequenos fazendeiros. Estes não estavam em oposição, nem do latifúndio, nem do sistema de dominação; só desejavam fazer parte dele.

É por esse motivo que a nova elite que ascendeu ao poder não mudou a situação; pelo contrário, vai fazer parte dela.

Este rearranjo fortalece e reafirma a natureza urbano-rural das classes dominantes agora constituídas em classes políticas.

Só pretendemos neste trabalho resgatar a temática "classe dominante-classe política" e analisar como se instalava no Mato Grosso.

Acreditamos haver logrado nosso objetivo de visualizar como o desenvolvimento econômico se articulou com a composição das elites e como estas, através de variados mecanismos, exerceram o poder.

NOTAS

(*) Auxiliar Docente 1ra categoría Historia Americana III - Facultad de Humanidades-Universidad Nacional de Salta.

[1] HOLANDA, Sérgio Buarque de. Monções. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1945. Faz um detalhado relato do descobrimento das minas de Cuiabá e o desenvolvimento das mesmas. Sobre o tema também pode-se consultar CORRÊA FILHO, Virgílio. História do Mato Grosso. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. Também D'ALINCOURT, Luiz. Memória sobre a viagem do Porto de Santos é cidade de Cuiabá. São Paulo: Itatiaia, 1975

[2] LENHARO, Alcir. Crise e mudança na frente oeste de colonização. Cuiabá: UFMT, Imprensa Universitária / PROEDI, 1982.

[3] SANTAMARÍA, Daniel J. La puerta amazónica. Los circuitos mercantiles de los rios

Madeira y Guapore en la segunda mitad de siglo XVIII. Buenos Aires: Memoria Americana. Cuaderno de Etnohistoria né 2, 1993.

[4] Uma detalhada descrição dos meios de transporte se encontra no Cap. II: O transporte fluvial, do livro de Holanda (1945).

[5] LENHARO, Alcir. Ob. cit.

[6] Según Renho de Nouis Neves "Ese momento representa uma etapa decisiva no processo de consolidação das classes dominantes que, assim, se revelam também, uma classes hegemônicas, na reafirmação do aneito gramsciano [...] pp 57

[7] Albertoni fala que "a classe política deve ser vista como una subespecie da classe dirigente, a parte da classe dirigente que se ocupa do escercício do poder. (pp 61)

[8] Zona de onde se extraíam diamantes e que era permanentemente atacada pelos integrantes dos quilombos e pelos contrabandistas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTONI, Ettore. Doutrina da classe política e teoria das elites. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. Vozes no silêncio: Subordinação, resistência e trabalho em Mato Grosso (1888 - 1930). Cuiabá: UFMT, 1995.

BIANCHINI DINIZ, Odalia da Conceição. A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato-Grosso: 1890-1940. Niterói: UFF, 1994. (Tese)

BOTTOMORE, T.B. As elites e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

BRUNO, Ernani Silva. História do Brasil. Geral e regional. Grande oeste. São Paulo: Cultrix, 1967. Vol.6.

CORRÊA FILHO, Virgílio. História do Mato Grosso. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969

D'ALINCOURT, Luiz. Memória sobre a viagem do Porto de Santos é cidade de Cuiabá. São Paulo: Itatiaia, 1975.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1959.

GRAMSCI, Antonio. Maquiavel, a política e o Estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio. Antologia. Espanha: Siglo XXI, 1988

HOLANDA, Sérgio Buarque de. História geral da civilização brasileira. São Paulo: Difel, 1985. Vol II.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Monções. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1945.

LENHARO, Alcir. Crise e mudança na frente oeste de colonização. Cuiabá: UFMT, Imprensa Universitária / PROEDI, 1982

LENHARO, Alcir. As tropas da moderação. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993. 2.ed

LUCIDIO BOTELHO, João Antonio Botelho. Nos confins do Império. Um deserto de homens povoado por bois (A ocupação do planalto sul de Mato-Grosso: 1830-1870). Niterói: UFF, 1993 (Dissertação)

MENDONÇA, Rubens de. História de Mato Grosso. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1981. (3.ed.)

MENDONÇA, Rubens de. Nos bastidores da história mato-grossense. Cuiabá: Universidade Federal do Mato-Grosso, 1983.

NOVAIS NEVES, María Manuela Renha de, elites Políticas: Competição e Dinâmica Partidário

- Editorial (caso de Mato - Grosso) R. Y. IUPERY, 1988
PRADO JÚNIOR, Caio. História econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1945
PINTO, Virgílio Noya. Balanço das transformações econômicas no século XIX. Vários Brasil em Perspectiva. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969
VILAR, Pierre. Desenvolvimento econômico e análise histórica. Lisboa: Ed. Presenças, 1982.

RELACIONES DIPLOMÁTICAS ENTRE BOLIVIA Y LAS PROVINCIAS UNIDAS DEL RÍO DE LA PLATA(*)

Eulalia Figueroa Solá(**)

La sociedad pos - revolucionaria

En el siglo XIX, finalizada la guerra independentista, en los Estados emergentes del disuelto Imperio Español se presentaron problemas internos y externos. En el primer aspecto la organización política fue uno de los que dividió a la sociedad provocando lo que se conoce como "guerras civiles". En las Provincias Unidas del Río de la Plata y sobre todo en las del norte de ese país, las luchas internas estuvieron condicionadas, además, por el proceso político y socio económico del vecino país, Bolivia.

Las relaciones políticas entre los nuevos Estados fueron conflictivas y provocaron tensiones y enfrentamientos por la delimitación de fronteras geográficas y por la defensa de intereses individuales o comunes a más de un Estado.

Durante el proceso de disolución del Imperio Español y la formación de Estados independientes un sentido de unión denominado "americano" fue defendido por sectores de las elites dirigentes. Ese ideal de integración no significó el olvido del "sentido nacional" que las elites gobernantes trataban de despertar en cada uno de los Estados. Hasta la década de 1880, los conflictos entre Estados vecinos pusieron de manifiesto la oposición: integración continental - individualidad política y económica de cada Estado. Fueron considerados "usurpadores extranjeros" los vecinos que se adueñaron de parte de territorios considerados "propios" por un determinado país. De esa manera, se fueron tejiendo cambiantes alianzas "internacionales", muchas veces invocando ese sentido "americano".

Por ejemplo, en el transcurso de la guerra entre el Imperio del Brasil y las Provincias del Plata, (1825 - 1828) los gobiernos argentinos se dirigieron a sus vecinos invocando esa condición común de "americanos" enfrentados al "extranjero brasileiro".

Ser "americano" significó, desde fines del siglo XVIII, tener categoría de "español americano" o "criollo", diferente del "español peninsular" o "godo" aquel vecino que gozaba de privilegios políticos, sociales y económicos. Desde la segunda década del siglo XIX, los "americanos" por nacimiento o adopción se consideraron también "ciudadanos" de los nuevos Estados.

Una de las expresiones de identificación de cada "nación" entendida como sujeto de soberanía, según Pilar González Bernaldo,⁽¹⁾ fue la utilización de un nombre específico. El mejor ejemplo de ello se presentó en la República de Bolivia, denominada así como homenaje al Libertador venezolano.